



QUADRINHOS INFANTIS: AUTONOMIA PELO SENSÍVEL

JÚLIA DIAS SOBRAL¹; NÁDIA DA CRUZ SENNA²

¹*Universidade Federal de pelotas– juliadiassobral@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas– nadiadacruzsenna@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O trabalho surge a partir de uma proposição de seminário junto à disciplina de História em Quadrinhos, que evoluiu para a pesquisa sobre quadrinhos e infância. Entre discussões e apresentações que abordavam narrativas visuais, meu interesse foi investigar quadrinhos infantis pela qualidade da produção contemporânea que se diferencia das produções tradicionais, mais alinhadas com visões pedagógicas ultrapassadas. Os quadrinhos selecionados para a pesquisa carregam o potencial de dar autonomia a crianças, no processo de alfabetização, ao tratar de temas sensíveis e complexos. Nos meus estudos percebi que a literatura em histórias em quadrinhos infantojuvenil reúne produções que abraçam a complexidade do viver e do sentir, enquanto as produções infantis permanecem espelhando uma visão que pouco explora o sensível do crescer e parece estagnada em narrativas educacionais e pedagógicas. O trabalho desenvolvido se concentrou na produção da ilustradora Guojing, artista chinesa, que se destaca pela sensibilidade e ludicidade de sua narrativa visual. Para embasar essa discussão utilizei o artigo “A Criança e a Sombra” da autora Ursula K. Le Guin (1975) que nos ajuda a perceber como falar apenas sobre o certo não é suficiente e necessário abrir portas para que outros sentimentos ganhem nomes, estabelecendo conexões, ajudando a fortalecer um vocabulário sentimental e provocar a empatia. Também me fundamentei em estudiosos da linguagem dos quadrinhos que integram a bibliografia da disciplina, tais como Will Eisner e Scott McCloud para a análise da linguagem sequencial.

2. METODOLOGIA

A pesquisa é na linha de estudos da arte e da cultura visual, cujo interesse recai sobre produções midiáticas, cujas visualidades são percebidas e analisadas a partir dos sentidos que engendram. As produções se caracterizam pela abertura para temas e questões que nos afetam em nosso cotidiano, provocando reflexões e outros modos de se inscrever no mundo. Para dar conta da complexidade envolvida os estudos investem em diferentes áreas do conhecimento, esse trabalho articula autores de arte, educação e quadrinhos. A pesquisa segue etapas diferenciadas para dar conta dos objetivos, tais como levantamento e seleção de trabalhos, reconhecimento de autores e ilustradores afinados com o tema, seleção dos quadrinhos a serem analisados, leitura crítica e análise das obras fundamentada nos estudos de quadrinhos e narrativas infantis. O trabalho desenvolvido percebeu o uso de estratégias e elementos narrativos, com predominância da visualidade, sem a necessidade do texto como complemento, para fazer transparecer o senível em uma obra poética.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os livros ilustrados devem passar pelo olhar de um adulto antes que uma criança possa tê-los em mãos, desse modo a indústria de publicidade infantil está completamente voltada para os adultos. As estantes são ocupadas por histórias construídas para agradar os pais e suprir as necessidades do mercado com ideias em torno da ciência da leitura, educação social e ambiental e valores morais. Passe os olhos pela estante infantil e verá uma extensão de livros feitos de narrativas perfeitamente adequadas e seguras para crianças. Essa “zona da perfeição” me parece agradar mais pais e professores, que consideram os livros ferramentas úteis para dar respostas e explicações a seus filhos e alunos, satisfazendo a ideia do adulto de eles estão num processo de formação para serem “boas crianças”. Às vezes penso que essa otimização exclui a fantasia da infância, o imaginário desse mundo, e adota uma estética plástica e narrativa que manifesta uma visão muito mais adulta.

Em 1975, Ursula Le Guin aborda em seu artigo “A Criança e a Sombra” como, na tentativa de ensinar o que é certo e errado, em separar o bem do mal, acabamos apresentando o mal como um problema às crianças, algo que podemos eliminar, e ilusoriamente, algo que pode ser solucionado. Para Le Guin aprender a reconhecer e controlar a escuridão, que faz parte de quem somos, é um processo do autoconhecimento, de crescimento e amadurecimento. A autora defende a fantasia como uma linguagem para travar debates do subconsciente: “as grandes fantasias, mitos e contos são, de fato, como sonhos: eles falam do inconsciente para o inconsciente, na linguagem do inconsciente — símbolo e arquétipo. Embora usem palavras, eles funcionam como a música: eles desviam o raciocínio verbal e vão diretamente aos pensamentos” (LE GUIN, 1975, p.141 tradução nossa), e fala da possibilidade de narrativas onde o mal não aparece sendo o oposto do bem, mas está intrinsecamente ligado a ele.

Podemos pensar nessa sombra que Le Guin fala como emoções difíceis de sentir, manifestações que fazem parte do sensível do ser, e fazem parte de nós desde pequenos. Nos deparamos com os sentimentos de raiva, abandono, tristeza, culpa, frustração, se aprendermos quando criança que raiva é uma coisa que pertence ao mal, entenderemos que quando sentimos raiva temos um problema. As coisas nos atravessam sem que necessariamente saibamos o que significam, elas se manifestam através de nós, e antes de censurar ou evitar o que nos causam, é importante nomeá-las para as comunicar.

Guojing é ilustradora e autora de duas histórias em quadrinhos que, sem texto nenhum, nos sensibilizam pela poética, trazendo narrativas abertas a múltiplas interpretações. A história em quadrinhos “Uma criança única” traz como questão a solidão, se perder, aceitar ajuda e se reencontrar. “Stormy” é uma história sobre a dificuldade de confiar em alguém depois de se magoar. Essas duas obras foram selecionadas pelo tema e pelo uso da linguagem em estratégias sensíveis que apostam na fantasia e exploram formas de leitura que dispensam o adulto como mediador entre história e criança.

A autora confere autonomia à criança usando alguns recursos (Fig. 1), observamos como cada um dos quadrinhos nos mostra o mesmo personagem, a autora podia muito bem ter optado por pular da segunda imagem para a última, o resultado seria o mesmo: a criança se vestiu e colocou sua bolsa para sair. Mas o efeito seria outro, porque é no acompanhar de cada um dos nove quadrinhos que a história acontece. Esse alongamento da cena nos permite criar intimidade com o personagem. “Uma criança única” tem cento e doze páginas, predominam imagens em grande formato, na técnica do lápis preto sobre papel. O desenho é

detalhado, com riqueza de texturas e variações de tons entre branco, preto e sépia acinzentado. O tempo é tratado de forma lenta e sutil, se expande através das ações que são mostradas de aspecto a aspecto (McCloud, 1995). Um abordagem que faz o leitor acompanhar os diferentes aspectos de uma cena, com muitos planos de detalhe. O cenário é tratado de forma onírica, evoca um clima de sonho em meio ao esfumado gráfico, conferindo destaque as personagens. A ilustradora também utiliza diferentes ângulos de visão e enquadramentos que dinamizam as cenas e expressam as emoções.



Fig. 1 – Página da HQ “Uma criança única”. Fonte: Guojing, 2016.

“Stormy”, ainda não publicada no Brasil, a história em quadrinhos gira em torno de uma personagem feminina e um cãozinho abandonado, explorando a construção de sentimentos de confiança e afeto que se estabelece entre eles. A história se dá segundo uma narrativa, eminentemente visual, conforme experimentações estéticas e sequenciais próprias da autora. O clima melancólico é acentuado pela paleta em tons de azuis, cinzas e marrons, com desenhos que ocupam páginas inteiras e sequencias com muitos detalhes, expandindo o tempo da narrativa. Na imagem selecionada (Fig. 2) temos duas páginas onde, quadrinho a quadrinho, acompanhamos a tensão entre duas personagens sendo criada, uma relação que a todo momento ameaça romper-se ou se concretizar-se. Guojing utiliza um objeto, a bola, como um possível elo narrativo, aceitar a bola como presente carrega diferentes significados: pegar a bola é confiar, não pegar é não confiar, amparar as escolhas são válidas. Há uma lógica visual que apenas as imagens podem oferecer.

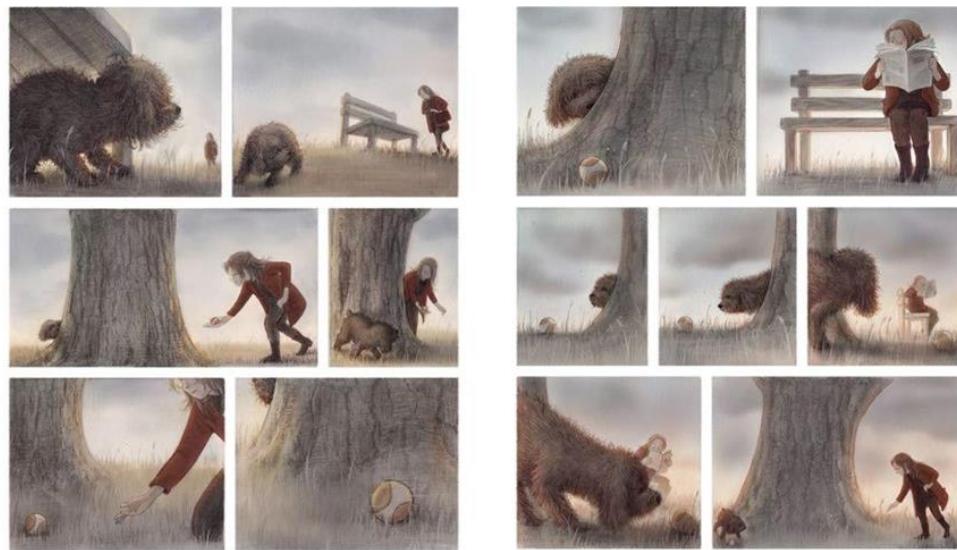


Fig.2 – Páginas da HQ “Stormy” Fonte: Guojing, 2019.

4. CONCLUSÕES

A pesquisa desenvolvida em torno dos quadrinhos infantis, mais precisamente sobre a obra da artista Guojing revelou o quanto as histórias em quadrinhos contemporâneas avançam sobre temas sensíveis presentes no cotidiano, envolvendo emoções e aprendizado. “Uma criança única” e “Stormy”, os quadrinhos selecionados e analisados, acolhem a complexidade do crescer e do sentir, acreditando no potencial de leitura das crianças. A ilustradora constrói imagens delicadas em enquadramentos e sequências variadas que provocam uma atenção e um tempo dedicado para fruir dessa poética. Constatamos o quanto os quadrinhos contemporâneos fogem do moralismo simplista e exploram o potencial da linguagem, em narrativas visuais, que dão autonomia para as crianças como protagonistas em suas jornadas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GUOJING. Uma Criança Única. São Paulo: Intrínseca, 2015

GUOJING. Stormy. Nova York: Schwartz & Wade, 2021

LE GUIN, U.K. The Child and the Shadow. The Quarterly Journal of the Library of Congress, Washington, D.C., Vol. 32, No. 2, p. 139-148, abril de 1975

McCloud. Scott. Desvendando os quadrinhos. Makron Books, 1995.